



Boletim da Sociedade das Ciências Antigas

Publicação da Sociedade das Ciências Antigas — Todos os Direitos Reservados

Volume I, edição III

Junho de 2010

Nesta edição:

A Alquimia da Prece por Robert Ambelain	1
Jean Baptiste Willermoz e a Maçonaria Lyonesa	3
Louis Claude de Saint-Martin	5
A Timidez	11

A Alquimia da Prece por Robert Ambelain

Na Maçonaria, o sentido do divino exprime-se principalmente pela seriedade com que o Maçom segue e observa os ritos, cerimônias sacralizadoras, etc. Mas também, fora de sua loja, por sua própria atividade espiritual.

Quer vivencie ele uma religião exotérica de sua escolha: judaísmo, cristianismo, islamismo, etc.. quer se limite a uma simples filosofia religiosa extraída de suas leituras, em suma, quer seja banalmente deísta, ele nunca poderá furtar-se duma inevitável prática, se quiser realmente permanecer em determinado plano. Essa prática, exprime-a uma palavra extremamente banalizada: "prece", cujo equivalente latino *precarius* significa igualmente "obter".

Ora, a prece, como o sentido do sagrado que ela exprime, é, por todas as evidências, um fenômeno espiritual. E, conforme observou judiciosamente o doutor Carrel, num pequeno opúsculo sobre o assunto, o mando espiritual encontra-se fora do alcance de nossas técnicas experimentais modernas, Como, pois, adquirir um conhecimento positivo da prece? O domínio científico compreende, felizmente, a totalidade do observável. E esse domínio pode, por intermédio da fisiologia, estender-se às manifestações do espiritual. pois, pela observação sistemática do homo oratoris que aprendemos em que consiste o fenômeno da prece, a técnica de sua produção e de seus efeitos.

A prece, em verdade, representa o esforço do homem para se comunicar com toda entidade incorpórea ou metafísica (Ideias Eternas de Platão), ancestrais, guias, santos, deuses, etc., e, principalmente, com a Causa Primeira, ponto culminante da pirâmide precedente. Longe de consistir numa monótona e vã recitação de fórmulas, a verdadeira prece representa um estado místico para o homem, um estado onde a consciência dele aborda o Absoluto. Bem por isso, esse

estado permanece inacessível tanto quanto incompreensível ao filósofo racionalista e ao sábio comum. Para orar, é preciso fazer o esforço de se dirigir à Divindade. "Pensa em Deus com mais frequência do que respiras...", nos diz Epíteto. E brevíssimas, porém muito frequentes invocações mentais podem manter o homem na presença desse Absoluto.



Aliás, essa é outra das funções da prece, sua função construtiva, que atua em "regiões espirituais" que permanecem desconhecidas ou inexploradas. "Ora et labora", "Ora e trabalha", reza a antiga divisa hermética. Ao que anui o adágio popular: "Trabalhar é rezar. Vamos concluir que talvez, também na mesma ordem de ideias, orar equivalha a trabalhar, ou seja, obrar. Pois que nos diz São Paulo: "A fé é a substância das coisas esperadas..." (Epístola aos Hebreus, XI, 1).

Tudo depende daquilo que se entende por essa palavra. Talvez o homem que reza, o orante, construa para si, num outro mundo, essa forma gloriosa, esse "corpo de luz" de que falam os maniqueus, e que é sua Jerusa-

lém celestial, sua própria cidade celestial, nascida de seu templo interior que foi o berço, o protótipo inicial. Permutam-se influxos celestiais originais, por uma espécie de reversibilidade, de projeção da obra terrestre no plano celestial.

A partir daí, pode-se admitir que o homem que não ora, não teça sua própria imortalidade; ele se priva, assim, dum precioso tesouro. Nesse caso, cada um de nós encontrará, além da morte corporal, aquilo que ele tiver, em sua vida física, esperado encontrar lá. O ateu dirige-se para o nada que desejou, e o crente, para uma outra ida.

Psicologicamente, o sentido do divino parece ser um impulso proveniente do mais profundo da natureza humana, uma atividade fundamental, que se constata bem claramente entre os primitivos, muito mais que entre os civilizados. E suas variações estão ligadas a diversas outras atividades fundamentais: senso moral, senso estético, vontade pessoal, notadamente.

O inverso é igualmente verdadeiro. E, como observou o doutor Carrel, a história mostra que a perda do senso moral e do sagrado, na maioria dos elementos constitutivos duma nação, acarreta-lhe a desgraça e sua escravização rápida aos povos vizinhos que hajam conservado aquilo que a nação escravizada muitas vezes perdeu por culpa sua. Grécia e Roma são tristes exemplos. Os franceses do período que vai de 1924 a 1939 haviam sido literalmente "desvirilizados" (com exceção duma minoria que constitui a Resistência e a França livre), por uma propaganda incessante em prol da objeção de consciência, do desarmamento unilateral e do pacifismo a qualquer preço. Conhecemos o resultado: trinta e oito milhões de mortos.

Por outro lado, devemos ter igualmente presente que o sentido do divino, quando levado ao estágio da intolerância e do fanatismo, leva aos mesmos e tristes resultados, por caminhos simplesmente inversos.

Nossa existência própria está ligada a uma relação regular com o universo contingente. Seria desarrazoado supor-nos igualmente mergulhados num "universo espiritual", pelo próprio fato de nossa consciência - esta sim - ter acesso a dois diferentes universos, entre os quais não nos podemos mover à vontade, assim como nosso corpo de carne não pode ausentar-se do universo material do qual retira os elementos necessários à sua conservação: oxigênio, azoto, hidrogênio, carbono, os quais ele aure através das funções nutritivas e respiratórias)? Esse universo espiritual, em que nossa consciência encontraria os mesmos princípios de sua conservação e de sua evolução post-mortem, seria lícito supô-lo o Ser Imanente, a Causa Primeira, que as religiões comuns denominam Deus? Em caso afirmativo, a prece poderia então ser considerada co-

mo o agente das relações naturais entre nossa consciência e seu meio próprio, tal como a respiração e a nutrição o são para o corpo físico. O grande psicanalista Jung afirmou: "Muitas neuroses decorrem do fato de muitas pessoas insistirem em permanecer cegas quanto a suas próprias aspirações religiosas. por uma paixão infantil pelas luzes da razão.

E que existe uma verdadeira alquimia espiritual. O primeiro a abordá-la foi Thomas Weille, em 1688, ao traduzir um texto grego até então em mãos de Henri Kunrath, autor de *La Clé mystérieuse de La Sagesse éternelle chrétienne et abbalistique, divine et magique* (1783), do *Véritable traité de Athanor philosophique* (1609), antecedido ambos, em 1609, pelo amoso *Amphithéâtre christiano-kabbalisti que de L'Éternelle Sapience*. Esse texto grego, manuscrito, já era uma cópia de um tratado redigido por Raymond Lulle, parte integrante, em manuscrito, do célebre *Testamentum Raymundi Lulli, philosophi doctissimi*, tendo este sido, lembremo-nos, mártir e iluminado.

Louis-Claude de Saint-Martin, por outros caminhos, analisou em detalhes algumas dessas práticas, tendo-as transmitido àqueles que considerava seus Íntimos, um pequeno grupo de maçons de Estrasburgo, após abandonar a via operativa de seu primeiro mestre, Martinez de Pasqually, e a Maçonaria escocesa retificada de seu irmão eleito Cohen Jean-Baptiste Willermoz, em Lyon.

Pois, tal como existe uma técnica da alquimia material, existe uma técnica da alquimia espiritual. Essa existência bastante real de um processo para se chegar à iluminação interior tradicional, ensinavam-na todos os antigos mestres de outrora. E uma verdadeira técnica, não uma banal sensibilidade; é uma mística sábia, não uma mística estática. E nada tem a ver com as lucubrações das seitas atuais, fundadas por mitômanos, megalômanos, impostores conscientes ou inconscientes. E um caminho individual, solitário, sem filiação a qualquer grupo, o que seguramente é uma garantia. No mais, é acessível a qualquer um, seja qual for sua religião original.

Pode-se afirmar que se trata do verdadeiro martinismo de Saint-Martin, que o reservou a alguns discípulos seguros. Nada tem a ver com o martinézisme, nem com o martinismo de Papus, e muito menos com o filipismo que veio depois dele, em 1952! Nesse último aspecto, reside toda a diferença entre a teologia de um beneditino e a cadeireira de aldeia.

Esse caminho nada mais é que o aspecto superior daquilo que apresentamos na *Scala philosophorum*, ou a simbologia maçônica das Ferramentas; obra adaptada à mentalidade racional dos maçons de nossa época.

Jean Baptiste Willermoz e a Maçonaria Lyonesa

O Rito Escocês Retificado foi relançado em suas bases atuais, graças ao trabalho incansável de Jean-Baptiste Willermoz, que mantinha relações com maçons de toda a Europa, principalmente com os Irmãos mais qualificados de todos os ritos.

Ele passou a vida inteira reunindo todo o tipo imaginável de documentos, rituais e instruções, buscando alcançar a essência da iniciação maçônica.

O sistema maçônico que o interessava de imediato, foi o da Estrita Observância Templária, em razão das origens templárias que esse sistema atribuía à Maçonaria e por sua organização em forma de ordem de cavalaria.

Origens Maçônicas de Willermoz

Jean-Baptiste Willermoz era muito estimado por seus discípulos, principalmente por suas maneiras cordiais, amigáveis e sedutoras. Ele tinha como profissão profana a fabricação e comércio de artigos de seda, sendo ainda um grande proprietário de imóveis na cidade de Lyon, no centro da França.

Desde jovem, conseguiu reunir em torno de si um grupo de homens devotados à causa espiritual, tais como: Louis Claude de Saint-Martin, Joseph de Maistre, Martinez de Pasqually e o famoso Conde de Saint-Germain, alguns companheiros de estudos, outros seus próprios mestres.

Claude Catherin Willermoz foi seu pai, que por tradição também se dedicava à produção de tecidos; sua irmã Claudine foi iniciada nas ordens externas e seu irmão mais moço, o médico Pierre-Jacques Willermoz foi iniciado em todas as ordens e jogou um papel importante na afirmação de Lyon como centro maçônico importante.

Jean-Baptiste Willermoz iniciou-se na Maçonaria em 1750. Com 20 anos de idade e já em 1752 era Venerável Mestre de sua loja e um ano mais tarde fundou a loja "A Perfeita Amizade", que desempenhou um papel muito importante mais tarde. Em 1756 obteve a filiação de sua loja na Grande Loja da França. Em 1760, com 30 anos de idade, fundou uma segunda loja: "Os Verdadeiros Amigos", juntamente com o Venerável da sua primeira loja: "A Amizade", o irmão Jacques Irenée Grandon.

Nesse mesmo ano, as três lojas "Amizade", "A Perfeita Amizade", e os "Verdadeiros Amigos", sob a coordenação de Willermoz, fundam a "Grande Loja dos Mestres Regulares de Lyon", que recebeu Grandon como o seu primeiro presidente. Esses maçons tinham como objetivo a volta às suas origens primitivas.

Willermoz torna-se Grão Mestre em 1761, reelegendo-se em 1762, mas desinteressou-se em seguida, em razão do aumento das tarefas administrativas. Além disso, ele estava desgostoso com a banalidade dos trabalhos maçônicos o que o induziu a fundar o Capítulo dos "Cavaleiros da Águia Negra", onde recrutava os melhores elementos de todas as

lojas da cidade.

Willermoz ensinava em seu Capítulo que, para encontrar a pedra cúbica, que contém em si todos os dons, virtudes ou faculdades, era necessário encontrar o princípio da vida que os Adeptos chamam Alkaeter. Esse espírito tem a faculdade de purificar o ser anímico do homem, prolongando sua vida.

Ele também tem a virtude de transformar os vis metais em ouro. Esse espírito encontra-se nos três reinos da natureza e cabe ao homem encontrar a maneira de manipulá-lo. Eles ensinavam que a pedra bruta representava a matéria disforme que devemos preparar; a pedra cúbica com ponta piramidal representava a matéria desenvolvida pela triplíce ação do Sal, do Enxofre e do Mercúrio.

O portador do terceiro grau possuía duas joias, uma era o emblema dos três reinos da natureza que entra no trabalho de preparação da Grande Obra, a outra era o Pantáculo de Salomão, de sorte que o iniciado deveria portar em si toda a ciência cabalística. Entretanto, Willermoz logo desinteressou-se do Capítulo da Águia Negra, pelas seguintes razões: primeiro porque a base de simbolismo já era de seu pleno conhecimento e havia conseguido formar Mestres capazes de continuar esse trabalho de instruir os maçons do capítulo; segundo porque encontrou Martinez de Pasqually em 1767, quando tinha 37 anos de idade. Martinez, como se sabe, foi o fundador da Ordem dos Cavaleiros Maçons Elus Cohens do Universo, sistema operativo, cujo ensinamento marcou profundamente o espírito de Willermoz.

A Doutrina de Martinez e o Grande Templo de Lyon

Os maçons de Lyon, embora perseverantes em seu trabalho, não possuíam, uma doutrina sintética, que lhes assegurasse o objetivo de seus trabalhos. A doutrina exposta por Martinez encaixou como uma luva nas mãos laboriosas dos maçons ocultistas de Lyon, cujo chefe era Jean-Baptiste Willermoz.

Tal doutrina comportava a revelação de verdades primordiais, comunicadas outrora a alguns seres privilegiados, e em sua síntese, ensinava a maneira de transpor a barreira que separa o Homem da Divindade.

Martinez trazia a mensagem de uma tradição oculta, conservada alegoricamente nas Escrituras Sagradas, sob o véu dos símbolos, transmitida através das tempos pelas Sociedades Secretas. A Maçonaria tinha perdido a chave dessa tradição, que foi reencontrada por Martinez e por ele retransmitida em seus rituais.

Sua doutrina explicava que a história da humanidade se resumia nas consequências do pecado original e na subdivisão do Homem Primitivo. A Divindade emanou Adão para que fosse o guardião da prisão onde tinha colocado os anjos rebeldes. Adão, revestido de uma forma "gloriosa" comandava toda a criação. Mas, seduzido pelos Espíritos perversos, Adão quis ter sua própria posteridade "espiritual".

Entretanto, a criação de Adão não resultou senão numa forma material (Eva), que constituiu sua própria prisão futura. Essa condição o privou da comunicação com a Divindade e o expôs aos ataques dos espíritos perversos, dos quais ele era anteriormente o Mestre.

A posteridade de Seth poderá obter sua reconciliação e entrar em contato direto com a Divindade, após ter percorrido todas as esferas superiores do mundo celeste.

Willermoz foi iniciado por Martinez em Versailles, perto de Paris, no Equinócio de Março de 1767, quando este instalou seu Tribunal Soberano de Paris. Willermoz tinha sido apresentado por Bacon de la Chevalerie e o Mestre logo reconheceu em Willermoz um futuro adepto, um continuador de sua doutrina, motivo pelo qual não pode conter as lágrimas, sobretudo, porque via nessa iniciação a prova de sua reconciliação com a Divindade. Nesse mesmo ano, Willermoz foi recebido como membro não residente do Tribunal Soberano e sua correspondência com o Mestre durou cinco anos.

Entretanto, durante esse período não obteve nenhuma luz, o que quase induziu Willermoz a abandonar a Ordem, apesar de Martinez lhe dizer que o desenvolvimento das qualidades espirituais, não vinha de um dia para o outro, e que somente o tempo e a perseverança na iniciação poderia lhe oferecer os resultados esperados.

A dúvida é a maior inimiga do Iniciado; a Perseverança e a Fé são os maiores aliados; enquanto a vontade não for exaltada ao máximo, enquanto que o homem não fizer por merecer o perdão da Divindade, nada lhe será dado. Somente a graça da reconciliação do Pai dará a potência e o poder ao filho. A luz não é dada ao curioso, ao apressado; o Altíssimo a concede ao Homem submisso aos seus mandamentos e que pratica a sua justiça.

O Elus Cohen deveria seguir rigorosamente o ritual teúrgico e renunciar a tudo o que existe neste baixo mundo, e resignar-se a receber à graça no seu devido tempo. Esta virá, a partir de um trabalho constante, quando menos se espera. A preguiça, ou a impureza de um único membro durante os trabalhos, prejudica todo o trabalho coletivo dos grupos operativos. Willermoz compreendeu rapidamente estas premissas e trabalhou de corpo e alma, não somente na sua regeneração pessoal como também com o objetivo de estender essa doutrina à Maçonaria, fazendo novos adeptos para a Ordem. Foi por essa razão que buscou a aliança com os maçons alemães da Estrita Observância Templária, isentos dos objetivos políticos e vingativos dos maçons Franceses.

Os Diretórios Escoceses na França

O regime Escocês Retificado originou-se da introdução na França, dos diretórios escoceses em 1773 e em 1774 pelo Barão de Weiler, que retificou certas lojas existentes em Estrasburgo segundo o rito da Estrita Observância Templária da Alemanha, cujo Grão-Mestre da loja de Saxe (região da Alemanha Oriental) era o Barão de Hund. Após uma longa troca de correspondências com Willermoz, Weiler instala em 1774 em Lyon o primeiro Grande Capítulo da região e colocou Willermoz como chefe ou delegado regional. Nesse mesmo ano, outros diretórios foram constituídos em Montpellier e em Bordeaux, cidade onde residia Martinez. O sistema era constituído de 9 graus, consistindo de três classes:

A dúvida é a maior inimiga do Iniciado; a Perseverança e a Fé são os maiores aliados; enquanto a vontade não for exaltada ao máximo, enquanto que o homem não fizer por merecer o perdão da Divindade, nada lhe será dado. A luz não é dada ao curioso, ao apressado; o Altíssimo a concede ao Homem submisso aos seus mandamentos e que pratica a sua justiça.

- 1ª classe: Aprendiz, Companheiro e Mestre.
- 2ª classe: Escocês vermelho e Cavalheiro da Águia Rosa Cruz.
- 3ª classe: (ordem interna): Escocês verde; Escudeiro noviço; Cavalheiro e Professores.

Os Professores eram considerados SUPERIORES INCÓGNITOS, pois não eram conhecidos dos membros da Ordem. Seu chefe, que mais tarde tornou-se conhecido, era o Duque Ferdinando de Brunswick, que possuía o título de Grande Superior da Ordem.

O Convento De Gaules (Lyon, 1778)

O êxito das lojas do Rito Escocês Retificado foi total na França, principalmente porque elas eram oriundas das tradições templárias e sobretudo porque seus chefes eram nobres autênticos, príncipes, duques, barões e as iniciações eram muito seletivas. Nessa mesma época, estava se instalando o Grande Oriente da França, que fez questão de agrupar os Diretórios Escoceses sob sua égide e um tratado foi assinado nesse sentido. Esses diretórios não tinham uma direção central na França e uma união era preconizada por todos. Entretanto as desavenças em vez de diminuir, aumentaram. O próprio Willermoz escreveu ao Príncipe Charles de Hesse, queixando-se que Weiler não conhecia nada sobre "as coisas essenciais".

O grande superior Ferdinando de Brunswick procurava desesperadamente a doutrina e a coesão que faltava. Os Lyoneses detinham há 11 anos o sistema de Martinez de Pasqually, doutrina que poderia interessar aos Diretórios. Willermoz e Louis Claude de Saint-Martin de maneira muito oculta, prepararam as coisas com cuidado.

Eles conseguiram iniciar Jean de Turkeim e Rodolphe de Salzman na Ordem dos "Elus Cohens", homens de grande importância no seio da Estrita Observância Templária do

Diretório de Estrasburgo. E esses dois homens desempenharam um papel muito importante quando os ocultistas de Lyon apresentaram sua proposta dos conventos que iriam realizar no futuro. Com os espíritos preparados, segundo a doutrina de Martinez, os Lyoneses convocaram o CONVENTO DE GAULES em 1778, em Lyon. As grandes figuras da Estrita Observância Templária estiveram presentes em Lyon, mas preocuparam-se essencialmente com o futuro administrativo da Maçonaria. Willermoz demonstrou, desde logo, que a preocupação deveria nortear-se sobre o verdadeiro objetivo da Maçonaria, suas diretivas de estudos que deveriam orientar-se na busca da Divindade.

No transcurso dos trabalhos, decidiram distinguir as lojas simbólicas das lojas da Ordem Interior e substituir por Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa a palavra Templário. Os rituais apresentados pelos Lyoneses foram aprovados, assim como as instruções secretas de Willermoz, tiradas do “Tratado da Reintegração dos Seres Criados” de Martinez de Pasqually. O objetivo primeiro da Maçonaria seria comunicado somente aos iniciados nos dois últimos graus, aqueles de “Professo” e do “Grande Professo”. A denominação de Superior Incógnito, que tinha sido condenada anteriormente, foi ressuscitada no convento, e era designada àqueles portadores de alta doutrina da Ordem. Entretanto, o verdadeiro objetivo da Maçonaria, permanecia desconhecido por todos aqueles que não tinham entrado realmente dentro da iniciação, embora portassem títulos de nobreza e mesmo os altos graus do “Rito Escocês Retificado”. Além disso, havia várias tendências maçônicas e de outras sociedades espiritu-

alistas que colocavam uma grande confusão nas mentes dos vários grupos maçônicos, oriundos de regiões diferentes. Havia assim, a necessidade da realização de um outro convento.

Convento de Willemsbad de 1782

Foi assim que quatro anos mais tarde, em 1782, realizou-se outro convento em Willemsbad, com um número maior de participantes em relação àquele efetivado na cidade de Lyon em 1778. As reuniões duraram 45 dias e lá estavam presentes Willermoz e Saint-Martin, bem como, representantes dos Filaletes, dos Iluminados da Baviera, etc, todos ligados à Estrita Observância Templária.

A diversidade de ideias e de opiniões, impediu que se chegasse a um denominador comum e que se definisse com precisão a doutrina da Ordem. Desta maneira, acabou-se mantendo as mesmas resoluções do Convento de Lyon, inclusive a doutrina de Martinez. Abandonou-se a pretensão da descendência direta dos Templários, evocando-se, entretanto uma filiação espiritual, oriunda do Mundo Invisível.

Os rituais foram modificados substancialmente, diferenciando o sistema da Maçonaria Tradicional. Esta é a razão pela qual o sistema foi denominado de “**RITO ESCOCÊS RETIFICADO**”.

Louis Claude de Saint-Martin

Louis Claude de Saint-Martin, o “Filósofo Desconhecido”, pensador profundo e grande iniciado, nasceu a 18 de janeiro de 1743 em Amboise, Touraine, no centro da França, no seio de uma família nobre, mas pouco abastada e desconhecida. Logo depois do nascimento de Saint-Martin, sua mãe faleceu, e ele foi criado pelo pai e por uma madrasta, pessoa amável e de bom coração, que o iniciou na leitura de Jacques Abbadie, ministro protestante de Genebra. Com esse autor, apreendeu a conhecer a si mesmo, relegando a um plano secundário a análise decepcionante e estéril dos filósofos em voga na época.

“É à obra de Abbadie, *A Arte de Conhecer a Si Mesmo*, que devo meu afastamento das coisas mundanas; é a Burlamaqui que devo minha inclinação pelas bases naturais da razão; é a Martinez de Pasqually que devo meu ingresso nas verdades superiores; é a Jacob Böehme que devo meus passos mais importantes nos caminhos da Verdade.”

O jovem estudante procurava tudo o que pudesse conduzi-lo ao conhecimento da Verdade, particularmente as ciências e princípios exatos. Dedicou-se assim ao estudo filosófico dos números e, por algum

tempo, esteve ligado a Lalande e sua escola filosófica, sintetizada em *Ciência dos Números*. Esse convívio, entretanto, não foi longo, pois seus pontos de vista eram divergentes e nosso Filósofo passou a estudar Jean Jacques Rousseau. Como ele, pensava ser o homem naturalmente bom; mas entendia que as virtudes perdidas originalmente, em razão da Queda, poderiam ser reconquistadas desde que o homem o desejasse ardentemente. Acreditava que o naufrágio no materialismo era consequência mais das associações viciosas e desvirtuadas do que do pecado original. E, nisso, afirma-nos seu discípulo Gence, ele se diferenciava de Rousseau, a quem considerava um misantropo por sua excessiva sensibilidade, ao olhar os homens, não como eram, mas como gostaria que fossem.

Saint-Martin amava a humanidade e considerava-a melhor do que parecia ser; e o encanto da sociedade da época levou nosso Filósofo a pensar que a vivência nas rodas sociais poderia levá-lo ao melhor conhecimento do homem e conduzi-lo à intimidade mais perfeita com os seus princípios. Assim, agiu conforme seu pensamento: frequentou os saraus musicais e toda sorte de recreações da alta nobreza, desde os passeios ao campo até as conversas com amigos; os atos de gentileza eram a manifestação de sua própria alma.

Iniciado, pois no estudo das leis e da jurisprudência, aplicou-se mais à pesquisa das bases naturais da Justiça, relegando a um plano secundário as regras da jurisprudência. Paralelamente, desenvolvia seus estudos sobre os mistérios ocultos e logo descobriu que não poderia dedicar-se inteiramente à magistratura, como desejava sua família. Não encontrando sua vocação no Direito, abandonou a magistratura que exerceu em Tours durante seis meses. Alistou-se aos 22 anos de idade no Regimento de Foix, então aquartelado em Boudeaux, onde pode encontrar mais tempo para dedicar-se ao estudo do Ocultismo, que era sua verdadeira vocação. Após ter lido os autores mais em evidência no gênero, procurou a iniciação de uma maneira mais efetiva.

Foi graças a um colega do Regimento, Grainville, que bateu às portas do Templo. Grainville era iniciado em uma sociedade oculta muito importante, cujo chefe era Martinez de Pasqually. Este era casado com uma sobrinha do maior, comandante do Regimento, que se encontrava na mesma cidade de residência de Martinez. A Escola de Pasqually, seu iniciador nas práticas teúrgicas, era a *Ordem dos Elus Cohens do Universo* (Sacerdotes Eleitos), revigorada mais tarde pela ação de Saint-Martin e Jean Baptiste Willermoz, sob a inspiração das obras de M. Pasqually e de J. Boehme e a partir de suas próprias pesquisas.

Em fins de 1768, Saint-Martin foi iniciado nos três primeiros graus simbólicos da referida Ordem pela espada de Balzac, avô de Honoré de Balzac, o famoso romancista francês das primeiras décadas do século XIX. Com efeito, em carta de 12 de agosto de 1771, dirigida a seu colega Willermoz, de Lyon, confirmou ter sido iniciado por Balzac e que recebera de uma só vez os três graus simbólicos. Assim, Saint-Martin submeteu-se em seguida ao método iniciático de Pasqually, de quem se tornou secretário particular e discípulo zeloso. Mas não deixou, logo depois, de criticar seu primeiro Mestre, por não concordar com tudo o que era feito em tal sistema. Considerava supérfluas todas as manifestações físicas exteriores e todos os detalhes do cerimonial Cohen: “São necessárias todas essas coisas para orar a Deus?”, perguntou Saint-Martin a seu mestre Martinez. “É preciso que nos contentemos com o que temos”, respondeu o Grão-Mestre.

Na realidade, era necessário trabalhar mais profundamente no sentido interior para produzir a luz. Isso certamente Martinez teria feito dentro de seu próprio sistema, se não tivesse partido da França e falecido em seguida. Sua semente ficou, no entanto, e coube a Saint-Martin e a Willermoz cuidar da planta que deveria nascer. A Providência Divina não os deixou abandonados; inspirou-os constantemente, colocando em

seu caminho homens que os ajudaram, direta ou indiretamente, e proporcionando-lhes o conhecimento do sistema de Jacob Böehme. Esse sistema confirmou as descobertas que tinham feito e abriu as portas para a obtenção das chaves ainda não encontradas.

Na época em que conheceu Pasqually, tinha pouco mais de vinte e cinco anos e acabava de debutar no Ocultismo, de sorte que nem todas as verdades da Iniciação pode receber de seu primeiro mestre, com o qual permaneceu cinco anos. Soube reconhecer mais tarde sua grandeza (porque é bom que se afirme que Martinez de Pasqually foi um adepto de grande iluminação).

Saint-Martin nunca concordou com a iniciação realizada fora do silêncio e da realidade invisível, que chamava de centro ou via interior. Para ele, o interior deve ser o termômetro, a verdadeira pedra de toque do que passa fora...; e o estudo da Natureza exterior só teria sentido se conduzisse à senda interior, ativa. Esse estudo poderia, pois, ser útil na medida em que conduzisse à Verdade, mas a Iniciação, explicava ele a Kircheberger, deve agir no ser central.

“Não lhe ocultarei que anteriormente entrei nesse caminho externo, e através dele me foi aberta a porta de minha carreira. Meu condutor era um homem de muitas virtudes ativas, e a maioria daqueles que o seguiram, inclusive eu, receberam confirmações que talvez tenham sido úteis para nossa instrução e desenvolvimento. Todavia, em todos os instantes, eu sentia forte inclinação para o caminho intimamente secreto, o externo nunca me seduziu, nem em minha juventude.”

Entendia Saint-Martin que todo o aparato exterior não era necessário para encontrar Deus e que, ao contrário, em muitas ocasiões dificultava essa busca. Discordava das numerosas e frequentes comunicações sensíveis de todos os tipos, manifestadas nos trabalhos de que tomava parte na sua primeira Escola, embora o signo do Reparador sempre estivesse presente, manifestando a ação da Causa Ativa e Inteligente no mundo objetivo. Afirmava, no entanto, que sua senda interior, desenvolvida depois, proporcionava-lhe resultados mil vezes superiores aos produzidos pela senda que denominava exterior e que era preconizada por Pasqually.

Afirmava, no entanto, e é bom repetir, que deveria haver trabalhos internos da Ordem que não lhes foram transmitidos por causa de sua curta passagem pelo sistema e por não terem ainda passado pelos estágios iniciais. O Mestre não poderia ter agido de modo diferente, revelam-lhes os mistérios de ordem mais elevada. Acreditava, ademais, que os Princípios Divinos poderiam mesmo nascer naquele sistema, mas

os trabalhos para esse efeito deveriam ser mais alguns anos com Pasqually.

Não apenas Saint-Martin discordava do sistema de Martinez, uma vez que os resultados não se produziam de imediato; todos os discípulos reclamavam resultados espirituais que, em verdade, dependiam deles próprios. Willermoz parece ter sido o primeiro a manifestar a Saint-Martin seu descontentamento no que dizia respeito ao desenvolvimento das faculdades adormecidas do ser humano; é o que constatamos através da leitura de uma carta endereçada por Saint-Martin, do Oriente de Bordeaux, com data de 25 de março de 1771.

“Quanto à confiança que vos dignais a testemunhar-me, abrindo-me sem escrúpulos vosso pensamento sobre nossas cerimônias, não me compete, tendo em vista nossa dignidade, fazer qualquer observação a respeito; e, diante de meu juiz, eu só deveria escutar e calar. Entretanto, as disposições puras que trazeis à Sabedoria fazem-me supor que poderíeis perdoar-me antecipadamente se ousou acrescentar, às vossas, algumas ideias próprias. Procuo, como vós, esclarecer-me... Confesso que o objetivo que buscamos na iniciação parece-me muito difícil de ser atingido”.

Acredito que, mesmo nos encontrando nas melhores condições, quando todas as cerimônias são empregadas com a maior regularidade, a Coisa pode ainda guardar seu véu para nós tanto quanto quiser; ela está tão pouco à disposição do homem que ele não pode, jamais, apesar de seus esforços, estar certo de obtê-la. Ele deve esperar e orar sempre, eis nossa condição. O espírito conduz seu sopro onde quer, quando quer, sem que saibamos de onde vem e para onde vai... Se o poder não se manifesta agora, ele poderá ocorrer mais tarde; se não se opera pela visão, ele prepara a forma daquele que se mantém puro para receber as impressões salutares, quando o espírito assim quiser. Não atribuais, então, o estado em que vos encontrais a algum problema de vossa parte ou à invalidade das cerimônias.”

Willermoz procurava obter por carta maiores esclarecimentos acerca dos problemas que iam surgindo no transcorrer de sua jornada iniciática. Pelo que constatamos, os resultados práticos da iniciação não apareciam tão rapidamente como os discípulos desejavam. Era necessário muito trabalho, como em qualquer sistema de iniciação, para que surgisse alguma manifestação de aprimoramento espiritual.

A correspondência entre Saint-Martin e Willermoz, iniciada em 1768, estendeu-se até 1773. Em 1771, Saint-Martin abandonou a carreira militar para dedicar-se exclusivamente ao Ocultismo. Durante dois anos

empregou todo o tempo disponível para trabalhar ao lado do mestre; foi durante esse período que se familiarizou com a ritualística dos Cohens e com a doutrina de Martinez, bem como com todas as suas práticas iniciáticas.

Partiu de Bordeaux em maio de 1773, na ocasião em que Martinez preparava-se para viajar para as Antilhas. Antes de se despedir, entretanto, Saint-Martin foi recebido no último grau dos Cohens, aquele de Réaux-Croix, como atesta uma carta de Martinez, datada de 17 de abril de 1772: “Após ter examinado e reexaminado os candidatos Saint-Martin e Seres, por nossa votação ordinária e em consequência das ordens que recebemos, nós os ordenamos Réaux-Croix...”

Em 1773, finalmente, Saint-Martin conheceu Willermoz, em Lyon, após terem trocado correspondência durante cinco anos. Seu círculo de amizade limitava-se aos irmãos da Ordem: Grainville, Balzac, Hauterive, Bacon de la Chevalerie, o Abade Fournier e Willermoz. Permaneceu um ano em Lyon, seguindo para sua cidade natal e, posteriormente, para Paris. Em abril de 1785, Willermoz obteve sucesso com suas operações: a “*Coisa ativa e inteligente*” finalmente mostrou-se aos homens.

Saint-Martin, sabendo da notícia, partiu de Paris em junho do mesmo ano, com destino a Lyon, levando consigo uma bíblia em hebraico e um dicionário, para entreter-se na viagem. Ficou seis meses em Lyon, partindo mais tarde para Nápoles e Londres, onde tomou conhecimento das publicações de Willian Law, morto em 1761, e que pertencia à tradição de Jacob Böehme.

Foi inicialmente de Lyon que o Filósofo Desconhecido procurou irradiar a luz, após a partida de Martinez para o Oriente Eterno. A direção da Ordem dos Elus Cohen não ficou com Saint-Martin nem com Willermoz, mas nas mãos de pessoas menos preparadas para levar adiante um sistema que ainda necessitava de aperfeiçoamento. Coube a Saint-Martin e a Willermoz a resignação de continuarem ocultamente a pesquisa da Verdade por suas próprias forças. O “*Agente Incógnito*” teria ditado inúmeras instruções e partes de um livro que Louis Claude de Saint-Martin publicou, destinado a lutar contra o materialismo vigente na época.

Talvez por esse motivo Saint-Martin tenha iniciado uma série de viagens, verdadeiros apostolados, para realizar propaganda das ideias espiritualistas, recolher dados e informações iniciáticas e entrar em contato com discípulos e homens de ciência. Em todos esses contatos sempre conquistava novas amizades e discípulos para continuarem sua obra. Saint-Martin tinha uma conversa muito agradável, uma vez que seu verbo não fazia senão expressar sua paz interior, seus co-

nhcimentos e a nobreza de sua alma.

Os salões mais aristocráticos de Paris disputavam sua presença. Essas qualidades eram agradáveis às mulheres, que não hesitavam em convidá-lo para as festas, pensando em casar suas filhas. Mas o Filósofo Desconhecido quis dedicar-se integralmente à sua obra de divulgação do Espírito. Em 1778, em Toulouse, esteve prestes a se casar; contudo, esse projeto desvaneceu-se como todos os demais a esse respeito. Afirmava sentir uma voz no seu interior que lhe dizia ser ele originário de um lugar onde não existem mulheres.

Agente Incógnito desapareceu de cena em 1788, época em que Saint-Martin retornou à Lyon, mas reapareceu em 1790 para destruir uma série de cadernos de instruções por ele próprio ditados: “Eu devolvi ao Agente”, conta-nos Willermoz, “a seu pedido, mais de 80 cadernos manuscritos inéditos, que destruiu.”

Com a morte de Pasqually, ocorrida em 1774 em São Domingos, o centro oculto da iniciação Cohen passou a Lyon e foi lá, como contam seus biógrafos, “que o Filósofo Desconhecido, armado com a Sabedoria Divina, passou a fazer oposição à doutrina materialista dos Enciclopedistas. Combatendo o materialismo revolucionário e sua doutrina errônea inserida em uma pretensa filosofia da natureza e da história, Saint-Martin chamou o homem de volta à Verdade, fundamentando-se no princípio do conhecimento de si mesmo e na natureza do ser inteligente”.

Saint-Martin, entretanto, nunca ficou muito ligado ao rigor das instituições iniciáticas, mas, em razão da problemática da época, em pleno desenvolvimento da Revolução Francesa, procurou, para a salvaguarda das suas próprias doutrinas e das tradições de que então já era depositário, unir-se a grupos ou formar grupos cujos membros desejassem, sinceramente, dedicar-se ao culto da Verdade e à prática da Virtudes. Estudava, paralelamente, as doutrinas de Pasqually e de Swedenborg, as primeiras mostrando-lhe a ciência do Espírito e as segundas a ciência da Alma.

“Foi em 1793, quando a família e a sociedade dissolveram-se, que vendeu as suas últimas posses para manter e cuidar de seu pai, velho e paralisado. Na mesma época, não obstante os estreitos limites a que ficou reduzida a sua fortuna, contribuiu para as necessidades públicas de sua comunidade. Retornando à capital, foi atingido pelo decreto de expulsão dos nobres. Saint-Martin submeteu-se e deixou Paris.

Durante o terror revolucionário, era necessária muita prudência, mesmo para os assuntos iniciáticos. Saint-Martin recebeu um mandado de prisão, embora vivesse mergulhado nos estudos e na meditação, sem nun-

ca ter feito política. Não subiu ao cadafalso porque Robespierre caiu em seguida. Havia a proteção do Alto, que o guiava na terra, obscurecida pela agitação dos homens.

“Uma corrente de prestígios inundou a inteligência humana em geral, e a dos parisienses em particular, porque a cidade, que comporta sábios e doutores de toda espécie, possui poucos que orientam seu pensamento na direção dos conhecimentos verdadeiros, e há menos ainda que buscam esses conhecimentos com um espírito reto. A maior parte deles não fazem mais que dissecar as cascas da Natureza, medir, pesar e enumerar todas as suas moléculas. Eles tentam, insensatos, a conquista de tudo que se encontra em composição no Universo, como se isso lhes fosse possível. Esses sábios, tão célebres e tão ruidosos, não sabem que o Universo (ou o Templo) é a imagem reduzida da indivisível e universal eternidade; eles podem contemplar e admirar, pelo espetáculo de suas propriedades e de suas maravilhas, ... mas jamais poderão conquistar o segredo de sua existência.”

Saint-Martin, para cumprir seu dever cívico, serviu na Guarda Nacional e, em Amboise, foi escolhido para ser um dos instrutores da Escola Normal Superior, que formava jovens professores; tomou parte em 1795 da primeira Assembleia Eleitoral, sem contudo tornar-se membro efetivo de qualquer corpo legislativo. O que buscava era o Conhecimento e a difusão de suas doutrinas. Jamais fez proselitismo e procurava ter por discípulos amigos fiéis da Verdade. Quem visse seu jeito humilde jamais poderia suspeitar de sua elevada espiritualidade. Sua docilidade para com o tratamento, sua serenidade, manifestava no entanto o sábio, *O Novo Homem* formado pela filosofia profunda do aperfeiçoamento moral e espiritual. A luz que irradiava de seu centro fazia justiça à sua condição de *Homem-Espírito*, o grande sol da transição ao século XIX.

Foi em 1788, em Estrasburgo, que Saint-Martin tomou conhecimento das obras de Jacob Böehme, o Teósofo Teutônico, através de Rodolphe de Salzman. Surpreso, constatou que essa doutrina combinava com a de seu antigo mestre Martinez de Pasqually, sendo idênticas em essência. Coube a ele a tarefa de fazer o feliz casamento das duas correntes doutrinárias, elaborando um sistema sintático, capaz de satisfazer seus anseios e colocar à disposição de todos os *Homens de Desejo* um caminho seguro para chegar à Iluminação.

A síntese iniciática foi obtida em poucos anos de trabalho pelo nosso Filósofo Desconhecido, secundado que foi por seu colega Jean Baptiste Willermoz. Necessitava, entretanto, de uma transmissão iniciática da corrente de Böehme para associar à sua, advinha de

Pasqually. Essa corrente alemã de Jacob Böehme foi obtida ao ser iniciada pelo Barão de Salzman, em Estrasburgo, e confirmada na linha mais antiga dos Templários, ao associar-se com a *Estrita Observância Templária*, do Barão de Hund.

Willermoz foi o encarregado, em Lyon, de organizar o sistema maçônico do *Rito Escocês Retificado*, fruto do Convento de Wilhelmsbad de 1782. Coube a Saint-Martin a chefia e a realização de iniciações individuais da Ordem Interior dos Filósofos Desconhecidos. Vários alemães foram iniciados no novo sistema (muitos dos quais já eram discípulos de Martinez de Pasqually), ingressando na iniciação real que conduz à Iluminação e à Reintegração a partir deste mundo na Unidade Divina.

Saint-Martin considerava as obras de Jacob Böehme de uma profundidade e de um valor inestimáveis e não se achava digno nem de desatar as sandálias de Jacob Böehme; entendia que seria necessário que o homem se tivesse tornado pedra ou demônio para não tirar proveito de tais obras.

Foi assim que passou a estudar o alemão, com quase 50 anos de idade, para melhor penetrar no sentido oculto e no pensamento do autor. Procurou traduzir para o francês as principais obras do Mestre. A partir de então, sempre que se referia a Jacob Böehme dizia que o Iluminado teutônico foi a maior luz que veio a este mundo depois daquele que era a própria Luz, isto é, o Cristo.

Após ter percorrido parte da Europa, estabeleceu seu apostolado em Toulouse, Versailles e Lyon, sempre lançando a semente espiritual em uma terra que se tornou fecunda, recolhendo ele próprio as doutrinas mais apropriadas para o seu espírito e seu sistema. Mais tarde, centralizou sua ação em três cidades: Estrasburgo, Amboise e Paris, que eram, como confessor, seu paraíso, seu inferno e seu purgatório. Fora dessas cidades possuía membros correspondentes de sua sociedade, como o Barão de Kircheberger, que não chegou a conhecer, mas a quem enviou um emissário, o Conde Divonne, para certamente lhe transmitir a iniciação. Kircheberger era grande admirador das obras de Saint-Martin; pertencia à Escola de Böehme, da qual tomaram parte igualmente Khunrath e Gichtel.

Kircheberger escreveu a Saint-Martin que, segundo uma lenda corrente em sua Escola, a Virgem Celeste, a Divina Sofia, nos dias das núpcias compareceu com

seu corpo celeste de Glória e escolheu Gichtel, vindo à sua casa, colocando em ordem seus papéis e completando com seu próprio punho os manuscritos por ele deixados inacabados. Em vida teria igualmente recebido favores de sua esposa celeste, pois como general venceu o exército de Luiz XIV, que pretendia conquistar Amsterdã, cidade onde o adepto residia. Durante toda a batalha, o general não teria saído do quarto.

Não somente Saint-Martin acreditava no relato de Kircheberger, como lhe pedia maiores detalhes sobre Gichtel. “Se estivéssemos um perto do outro, escreveu-lhe Saint-Martin, eu também teria uma história de casamento para vos contar. Os mesmos passos foram dados por mim, mas de um modo um pouco diferente, embora chegando aos mesmos resultados. Creio,

com efeito, ter conhecido a esposa de Gichtel..., mas não de modo tão particular como ele. Eis o que me aconteceu por ocasião do casamento de que falei: eu estava orando... e me foi dito intelectualmente, mas de modo muito claro, o seguinte: *Depois que o Verbo é feito carne, nenhuma carne deve dispor dela própria sem que Ele o permita.* Essas palavras penetram profundamente em meu ser; ainda que não tenham significado uma proibição formal, recusei-me a toda negociação posterior.”

Acredita-se que a chave da iniciação está no desejo do homem de purificar-se, de evoluir e de atingir a iluminação. Essa evolução é necessária para remediar a degradação a que o ho-

mem se submeteu após a Queda Original. Antes, o homem podia obrar em conformidade com a Vontade do Pai, sendo dessa maneira poderoso, mas após ter se revestido de um envoltório material, suas capacidades espirituais atrofiaram-se e a Vontade e a pureza de outrora aniquilaram-se.

Seu livro *O Homem de Desejo*, publicado pela primeira vez em 1790, são litânicas no estilo do salmista, nas quais a alma humana evolui para o seu primeiro estágio, num caminho que o Espírito pode ajudá-la a percorrer.

Saint-Martin escreveu este livro por sugestão do filósofo religioso Thiaman, durante suas viagens a Estrasburgo e a Londres. Lavater, então clérigo em Zurique, elogiou essa obra como um dos livros que mais tinha gostado, embora reconhecesse não ter tido condições de penetrar nas bases da doutrina exposta. Kircheberger, mais familiar aos princípios do livro, considerou-o



como o mais rico em pensamentos iluminados. O próprio Saint-Martin concordou que nesse livro encontram-se os germes do conhecimento que ignorava até a leitura das obras de Jacob Böehme.

O objetivo de seu livro *O Homem de Desejo* é mostrar que o homem deve confiar na Regeneração, chamando sua atenção para a necessidade de retorno ao Mundo Divino de onde saiu e ao trabalho que deverá realizar para alcançar esse objetivo, isto é, concentrando suas forças pelo desejo ardente de aperfeiçoar-se e tornar-se um homem de vontade forte.

“Não há nenhum outro mistério para se chegar a essa sagrada iniciação, senão penetrando cada vez mais no fundo de nosso ser e não esmorecendo até que possamos produzir a viva e edificante raiz; porque, então, todos os frutos que haveremos de gerar, conforme nossa espécie, serão produzidos dentro de nós e sem nós, naturalmente; é o que ocorre com nossas árvores terrestres, porque elas aderem às próprias raízes e, incessantemente, retiram sua seiva.”

Os grupos de homens livres eram formados por um pequeno número de pessoas inteligentes e de mente sã, escrupulosamente examinadas, Saint-Martin dizia que as grandes verdades só podem ser bem ensinadas no silêncio. Todos aqueles que não sabem calar, que falam mais do que observam, não podem ser recebidos na senda interior. Saber guardar o silêncio é condição indispensável para que o homem se torne digno de receber outros ensinamentos cada vez mais profundos, emanados não apenas de seu iniciador, como do próprio Mundo Invisível. Para isso, necessitamos de treinamento, que se efetua guardando-se o silêncio em relação às pequenas coisas, mesmo profanas. Qualquer sociedade iniciática não pode ser aberta, pois assim perderia a força que porventura tivesse recebido do Alto. Guardar o silêncio significa fechar-se às influências exteriores, às opiniões contrárias que só trazem ações conflitantes. Fechar-se em torno de si mesmo é magnetizar-se; é evitar que as próprias forças divinas se dispersem na Natureza, passando por nós. É criar um polo de atração; é tornar-se um receptáculo das influências celestes; é tornar-se a taça que recebe o influxo divino.

A Iniciação é um processo interior de aperfeiçoamento do homem, tornando-o apto a receber as forças divinas. O homem é a soma de todos os problemas da existência; é a síntese, o enigma dos enigmas, a pedra bruta que deve ser talhada e aperfeiçoada. Esse desenvolvimento deve ocorrer de tal modo que o ser criado se religue ao Criador, através da aproximação da natureza impura com a natureza pura. Por isso, a primeira deve ser trabalhada até ficar quase no mesmo estado da segunda; somente depois haverá uma atração tal, que a Natureza Superior descerá até a inferior, purificando-a em definitivo e deixando-a conforme ela mesma: é a

Iluminação do Iniciado.

Aquele que possuir o conhecimento de si mesmo terá acesso à ciência do mundo, dos demais seres. O conhecimento de si próprio é somente em si que deve buscar. É no espírito do homem que se devem encontrar as leis que dirigem sua origem. É preciso, pois, que o iniciado encontre seu centro iniciático, a divindade em si, para adquirir o pleno conhecimento de si mesmo. É necessário conhecer suas fraquezas para melhor dominá-las e não voltar a praticar os mesmos erros. Sua luta deve ser constante, contra as paixões, suas contrariedades internas e a ira. A docilidade representa a presença de Deus no centro iniciático; a ira representa a sua ausência.

“O homem não pode ser integralmente livre da ira e do pecado porque os movimentos do abismo deste mundo tampouco são totalmente puros ante o coração de Deus; o amor e a ira sempre lutam entre si.”

A doutrina de Saint-Martin difundiu-se na Alemanha e na Rússia, através de seus discípulos. Na Rússia, a doutrina martinista encontrou um grande divulgador em Joseph de Maistre, que afirmava a existência de Deus no interior de cada indivíduo e, por conseguinte, que o segredo de toda a iniciação consistia em descobrir o centro iniciático próprio, a senda interior, a fim de proceder ao próprio desenvolvimento espiritual. Assim, a iniciação é uma senda real, interior, individual, e não se encontra no exterior, nas sociedades ou no Enciclopedismo.

Em 1803, o Filósofo Desconhecido dava seus últimos passos em direção à Eternidade, pois sua saúde mostrava-se débil. Mas não se afligiu com essa perspectiva; ao contrário, dizia que a Providência sempre lhe havia dispensado muito cuidado, de modo que só poderia render-lhe graças.

Conta-nos Gence que certa vez, visitando um amigo comum, Saint-Martin confessou-lhe que estava partindo para o Oriente Eterno e no dia seguinte, visitando seu amigo o Conde Lenoir la Roche, em Aulnay, após leve refeição, retirou-se para o quarto; sofreu um ataque de apoplexia e partiu. Era o dia 13 de outubro de 1803. Foi então que seus discípulos e amigos perderam a convivência física com o Mestre, mas ganharam a eterna e permanente proteção espiritual que nos envia do Reino da Glória, através dos Mundos Invisíveis.

Hoje, a obra de Louis Claude de Saint-Martin continua através dos Grupos de Iniciados que seguem sua doutrina. A Conquista da Iluminação é o objetivo último de todos os *Homens de Desejo*, que encontram nas obras do Mestre e no seu exemplo, como Homem e como Iniciado, o respaldo necessário para prosseguir na senda sem desânimo.

A Timidez

A timidez é encarada ao longo dos séculos como um dos mais sérios problemas enfrentados pelas pessoas para atingir um desenvolvimento pessoal satisfatório. Todas as pessoas são tímidas de alguma forma.

A maioria das pessoas encontra-se no meio termo entre ser extrovertido e tímido. Esta é uma das características que identificam o temperamento dos indivíduos e muitas vezes já está definida desde a infância. A timidez pode ser devida à herança familiar, pois é frequente encontrar filhos de pais tímidos que também o são.

Mas não menos importantes são as vivências das pessoas durante o seu desenvolvimento, principalmente aquelas que afetam sua autoestima. Estas experiências negativas ou a atuação de pais muito exigentes e críticos são fatores importantes em gerar insegurança e inibição.

Existem certos períodos em que a timidez naturalmente acentua-se. Um dos mais significativos é na fase inicial da adolescência, durante a qual correm inúmeras modificações nos aspectos físico e emocional. Portanto, um certo grau de retraimento durante algumas fases não devem ser caracterizados como timidez, mas sim como características adaptativas de um determinado período.

Nos dias atuais, devido à "exclusão" que vivemos em todos os níveis: econômico, social, psíquico e afetivo, todos buscamos segurança econômica e emocional para fugir deste temível fantasma, que nos lança para uma condição de deterioração psicológica, destruindo por completo nossa autoestima. A exclusão em nossa era não tem apenas semelhança com pobreza material, mas é, sobretudo o afastamento de coisas centrais da existência humana.

Excluindo as pessoas do terreno das relações interpessoais. A timidez tende a se tornar à exclusão das principais esferas da vida. Os descendentes diretos da timidez são a solidão e o orgulho. A primeira se dá, visto que os indivíduos paulatinamente vão deixando escapar as oportunidades de contato social, e o segundo não deixa de ser uma defesa que vai se cristalizando a cada dia nas pessoas, para que as mesmas não sofram com o que deixaram para trás.

O orgulho nada mais é (do ponto de vista psicológico) do que a crença exacerbada no individualismo, fazendo com que as pessoas lancem mão de todos os aparatos materiais ou psíquicos apenas com o intuito de evitar pedir auxílio a uma outra. Dessa maneira há um eterno reabastecimento neste binômio: timidez-

orgulho, pois um não vive sem o outro.

Se ainda continuarmos fazendo a analogia da timidez com a exclusão, logo descobriremos outro sentimento sempre presente: o ódio. A raiz deste ódio é a impossibilidade do conformismo de não se obter as coisas mais importantes da vida: amor, reconhecimento e a certeza de ser principalmente pessoas que sempre farão falta.

Por mais desinibidas que pareçam, todas as pessoas têm sempre um foco de timidez, e este faz com que elas deixem de utilizar todo o seu potencial. A humanidade se divide em dois grandes blocos de tímidos: os que reconhecem sofrer essa deficiência e agem como tais, sendo visivelmente retraídos; e os que demonstram o contrário, agem como desinibidos, mas na verdade têm esse comportamento como forma de camuflar sua timidez ou focos desta.

A timidez tende a se manifesta mais ostensivamente quando os tímidos têm de falar em público; conversar com autoridades; aproximar-se do sexo oposto; reclamar em locais públicos ou comerciais; receber elogios; vestir-se de maneira ousada; chamar pelo garçom, balconista ou recepcionista; ser observado; pedir reajuste de salário; revelar cansaço; negociar preço; mostrar o próprio corpo; e falar ao telefone. Essas são as características mais marcantes e visíveis de todo o tímido, embora mais frequentes no grupo que realmente assume essa deficiência.

Os desinibidos que também têm focos de timidez sentem-se em dificuldade enfrentando uma ou outra dessas várias situações.

Os tímidos

O tímido por vezes não costuma ser apenas uma figura orgulhosa, mas, sobretudo egoísta, pois seu constante silêncio e omissão têm como meta apenas o receber e nunca a doação de si mesmo para a comunidade. O tímido insiste na derrota inicial ao invés de fracassos no decorrer de sua atuação social, o que faz do mesmo uma pessoa incrivelmente arrogante e ambiciosa, pois jamais convive com a ideia de que outros sejam testemunhas de seus infortúnios. Sua recusa em viver esconde seu despreparo para qualquer tipo de perda.

Entre os dois grandes blocos que se dividem os tímidos, o primeiro é o grupo dos que se sentem "fraquinhos", permanentemente vítimas. Estes vivem chorando as mágoas com frequência, têm depressão constante, acham que vão fracassar em tudo o que

vão fazer e sente-se sempre a última das pessoas, a mais derrotada. No segundo grupo ela situa os que, embora tenham focos de timidez, não aceitam essa deficiência. Estes se mantêm em cima de um pedestal, são arrogantes, frios e calculistas. Procuram construir uma autoimagem de fortes, porque não aceitam os pontos em que são fracos.

Quando desafiados agridem e sempre põem a culpa no outro ou numa situação, nunca na sua própria incapacidade de sair do castelo que construíram para si. Os tímidos vivem basicamente duplo dilema: enfrentam a tortura de se expor e o medo de falhar. Para diminuir tais deficiências é necessário apagar o medo e colocar no lugar autoconfiança. Os tímidos buscam essencialmente segurança. Com o tempo e mantendo-se tímidos, eles restringiram a sua vida, param de se impor desafios.

É necessário à busca de horizontes maiores e superar o sentimento de incapacidade para que as pessoas possam evoluir. Apesar de já se ter constatado que até bebês apresentam focos de timidez, ninguém nasce tímido. Mas todos têm possibilidade de desenvolver comportamentos tímidos e é interessante notar que uma mesma pessoa pode apresentar posturas inibidas e outras vezes não. Isto está diretamente relacionado com a autoconfiança que temos em nossa capacidade de obter ou não resultados favoráveis no meio em que vivemos.

Causas

A causa da timidez é essencialmente o medo do desconhecido, o medo do que pode acontecer no futuro. O tímido tem dúvidas sobre a sua capacidade de ter sucesso, medo de fracassar e sofrer com isso. Alguns questionam até sua capacidade de manter o sucesso obtido e, para evitar o risco de fracasso e sofrimento, preferem nem tentar vencer. A timidez pode levar o indivíduo à apatia, a viver uma vida reclusa e ausente do meio ambiente. Para o tímido, quanto menos contato com o exterior, melhor. Ele tende a superavaliar o perigo e fica ansioso cada vez que se depara com uma situação onde duvida da sua capacidade de obter resultados positivos. Uma das maiores dificuldades do tímido é dizer "não". Tende sempre a dizer sim e se sobrecarrega de tarefas e compromissos.

A timidez pode levar as pessoas a ficarem inseguras:

tem medo de tomar decisões erradas e sente vergonha de quase tudo, basicamente por dar excessiva importância ao que os outros pensam delas. Mas um tímido pode transformar-se em um desinibido se estiver efetivamente disposto a mudar.

Para tanto ele precisa desenvolver um programa estruturado de mudanças. O indivíduo terá, através de vários métodos, ser capaz de por si resolver seus problemas. Eliminar suas fobias e traumas e a planejar melhor suas metas, além de desenvolver o sentimento de busca da prosperidade, da felicidade pessoal e de realização.

Como superar a timidez

A transformação do quadro acima descrito, apenas se dará quando o tímido abrir mão de suas defesas e tomar a responsabilidade para si de todo o processo, evitando a passividade que nada mais é do que uma tentativa de forçar com que os outros lhe proveham suas necessidades, e finalmente investir principalmente no elemento humano, através do contato interpessoal, e não no escapismo da televisão, videogames, internet e outros. Mudando-se a visão interna que cada um tem de si. Conquistando para si a felicidade, conhecimento, saúde, interação grupal harmoniosa, prosperidade e autoconfiança.

As pessoas são potencialmente competentes e já possuem todas as informações necessárias ao processo de mudança pessoal armazenadas em sua memória. Devem, no entanto reorganizar as informações, modificando as crenças que têm sobre suas habilidades, de maneira a torná-las cada vez mais produtivas. Aumentando sua produtividade pessoal, melhorando a sua qualidade de vida, desenvolvendo sua autoestima e autoconfiança, tornando-se capazes de liderar a si mesmas e ao meio em que vivem. Organizando seus pensamentos estruturando suas estratégias de ação.

Os valores grupais e pessoais no sistema global de informações do indivíduo devem ter limites morais quanto aos diferentes papéis que ele desempenha na interação grupal. E com a visão interna que cada pessoa tem de si mesma e da realidade, acrescentar, retirar ou modificar informações, alterar as suas memórias de emoções, imagens, sons, cheiros, paladares e sensações táteis.

